

Português, Escritor, quarenta e cinco anos de idade

Bernardo Santareno



Ática

BERNARDO SANTARENO

ULFLO701102



**Português, Escritor,
Quarenta e Cinco
Anos de Idade**

TEATRO



EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

Capa de José Cândido

© 1974, by ÁTICA, S. A. R. L., Lisboa

Distribuição exclusiva:

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

Apartado 37 — Amadora

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria
Bertrand, S.A.R.L., Rua João de Deus, Venda Nova, Amadora

Acabou de imprimir-se em Junho de 1974

1.^a PARTE

(Palco completamente escuro. Uns momentos assim, em silêncio. Ouve-se o choro dum recém-nascido. Luz sobre o grupo dos Actores que ocupam a zona central: Cinco homens e quatro mulheres debruçam-se sobre a parturiente invisível, fechando um círculo completo. Vestem como o povo e a pequena burguesia dos anos vinte, excepto o Médico, em mangas de camisa e reconhecível pelo estetoscópio, que está colocado no meio do semicírculo anterior, de costas para o público. Música de fundo.)

MÉDICO (voltando-se para a assistência.)

É um belo rapagão: Quatro quilos e meio! (O menino chora de novo.)

PAI (que está junto do Médico, voltando-se para o público.)

Eu sou o pai. Sinto-me como nunca me senti... Não sei explicar... Hei-de fazer tudo, tudo pelo meu filho!

É verdade: Um homem só é verdadeiramente homem depois de ter um filho. Estou tão feliz que... parece que vou rebentar de alegria!

Avô (que está do outro lado do Médico, voltando-se; tipo camponês.)

É o meu primeiro neto. Fui pai de seis filhos, mas... isto é diferente, é outra coisa! (O menino chora.) Que grande dia! E o raio do rapaz saiu são e escorreito que é um louvar a Deus! Isto tem que ser festejado: Pago um copo de vinho a quem o quiser beber!

Avó (voltando-se para a plateia, os olhos cheios de lágrimas.)

Meu rico netinho! Que Deus o abençoe assim como eu o abençoo de todo o meu coração! Que Deus lhe ponha a virtude! Há-de ser feliz! (O círculo de actores vai rodando, de maneira que aquele que fala esteja sempre em frente do público, de face para este.)

UMA MULHER DO POVO

Há-de ser feliz!

UM HOMEM

Tem de ser feliz!

Avó

Há-de saber ler...

UM HOMEM GORDO (tipo mais abastado.)

Eu vou ser o padrinho. Padrinho a sério, anh! O pequeno pode contar comigo. Até onde eu chegar... Havemos de formá-lo, há-de ser médico.

UMA RAPARIGA

É um anjo do céu! Tão lindo de rosto, tão perfeito de corpo... Ai, é uma glória ser mãe dum menino assim!

UMA VELHA

Bendita a mãe que tal filho pariu!

PAI (com orgulho.)

É meu filho! (O movimento de rotação acelera-se, acompanhando o ritmo da música de fundo.)

MÉDICO

Parto normal. Mãe forte, filho robusto.

Avô

As férias há-de passá-las com a gente, na aldeia. Arranje-lhe um burrito pequeno...

Avó

Dou-lhe leitinho fresco, acabado de mungir...

UM HOMEM NOVO

Há-de ser republicano como o pai!

HOMEM VELHO

Amigo dos pobres, contra os carrascos!

PAI

Viva a República!

TODOS OS HOMENS

Viva!

Avó (assustada.)

Calem-se, por amor de Deus: Podem ouvi-los...?!

HOMEM NOVO

Pois que oiçam: Viva a República!

HOMEM GORDO

Quando o meu afilhado crescer, quando for homem...

PAI

Este país já não será o que hoje é!

HOMEM NOVO

Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS

Viva!

MÉDICO

Tenham cuidado, olhem a mãe: Está muito fraca...

HOMEM NOVO

Abaixo a tirania!

HOMEM VELHO

Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS

Viva!

PAI

O meu filho não há-de ser um escravo!

HOMEM NOVO

Disso nos encarregamos nós e os outros como nós!

PAI

Vou lutar pelo meu filho!

HOMEM VELHO

Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS

Viva!

(A mãe, sempre invisível para o público, no centro do círculo, solta um grande grito: Todos se imobilizam em silêncio. Segundo grito: Todos se debruçam sobre ela, inquietos. Terceiro grito: Todos se afastam, rompendo o círculo.)

MÃE (agora à vista do público: de pé, desgrenhada, quase terrível, a longa camisa suja de sangue, apertando a cria contra o peito.)

É meu... é meu... é o meu filho!

(Foco de luz sobre a Mãe imóvel; semiobscuridade no resto do palco. Os restantes actores, sempre voltados para

a Mãe, vão recuando até aos limites laterais de cena. Escuro total, durante segundos. Sonoplastia: Marcha guerreira, com toques de clarim, gritos de comando, ruído marcial de botas, vivas, etc. Em três *écrans*, um ao fundo e dois laterais, começam a ser projectadas imagens-documentário da vida portuguesa dos últimos quarenta anos. Em primeiro lugar, «Desfiles da Mocidade e da Legião Portuguesa». Nos extremos laterais do palco, estão vários cabides de pé alto com roupas e adereços, além de dois espelhos, um de cada lado, com luz própria na margem superior: Os actores, a mãe incluída, despem-se e vestem-se, tiram e põem cabeleiras, etc. Nos *écrans* assistimos agora a uma «Grande concentração de povo que aplaude o Governo». Algum tempo assim. Na semiobscuridade, um dos Actores começa a rir: baixo primeiro, sobe depois até à gargalhada irreprimível. Logo imitado por uma das Actrizes. A certa altura, todos os Actores, homens e mulheres, riem em gargalhadas uníssonas de escárnio. Círculo de luz no meio do palco, iluminando as figuras caricaturais do Regedor, do Pároco e da Presidente da Acção Católica. Interrompem-se as projecções sobre os *écrans*.)

REGEDOR (Entre os outros dois, discursando.)

Não consinto que esta terra faça má figura ao pé das outras! Quem tiver pernas para andar e voz para gritar, deve ir amanhã a Lisboa! Amanhã, no Terreiro do Paço, será homenageado o Senhor Presidente do Conselho: E há-de ser a maior «manifestação espontânea» de que há memória neste país! Olhem que eu sei muito bem quem está doente e quem finge que o está. Quem me intrujar,

comigo se há-de haver! E depois queixem-se, digam que o regedor é torto!... Querem a estrada nova para a vila? Querem a luz eléctrica? Então vão amanhã a Lisboa, a dar palmas e vivas ao Senhor Presidente! Quem, podendo ir, não for, nunca mais apanha de mim nem a ponta dum corno! Tenho quatro camionetas faladas e havemos de enchê-las, a bem ou a mal! Querem que esta terra faça figuras de cachorra na «manifestação espontânea»? Até tingia a minha cara de preto! Já mandei pintar cinco bandeiras, qual delas a maior, com muitos vivas e o nome desta terra escrito em letras graúdas. O Senhor Presidente do Conselho há-de lê-las e podem ficar cientes de que não se esquecerá de vocês! Assim como há-de ler a lista dos que não forem, que eu me encarrego de lha mandar... E depois queixem-se, chorem na cama que é parte quente! E não digam que eu os não avisei a tempo... Se quero que vocês vão todos à «manifestação espontânea», está bem de ver que não é por mim. Eu, graças a Deus, tenho que baste para as minhas necessidades e para as dos meus, enquanto vivo for! Vocês bem o sabem. E pronto, temos conversados. Viva o Senhor Presidente do Conselho!

MUITAS VOZES

Viva!

REGEDOR

Todos à «manifestação espontânea»! Viva o Senhor Presidente!

MUITAS VOZES

Viva!

PÁROCO (que é do tipo untuoso.)

Vão, meus queridos irmãos, vão dar o contributo das vossas presenças a esta justíssima «manifestação espontânea»! Peço-lhes eu, o vosso pároco. E não hão-de arrepende-se: Nosso Senhor lhes dará cem alegrias por cada sacrifício! E peca todo aquele que, podendo ir, não for: Pecado feio de ingratidão contra quem tanto bem tem feito por vós, no plano material, como sobretudo no plano espiritual. Sim, porque o Senhor Presidente tem sido o esforçado paladino da Igreja Católica neste conturbado país! Tanto como Nuno Álvares, que é santo! Tanto? Mais, mais ainda do que ele, digo-vos eu! Se hoje ainda sois católicos, se ainda gozais das benesses inefáveis da nossa santa religião, a ele, ao Senhor Presidente, o deveis! Portanto, meus queridos irmãos, tudo que ao nosso bem amado Presidente fizerdes, é a Nosso Senhor Jesus Cristo que o fareis. Quem não for por ele, é contra a Santa Igreja Católica, é contra o Divino Salvador! Por isso, daqui vos aconselho e exorto: Ide todos à «manifestação espontânea».

PRESIDENTE DA ACÇÃO CATÓLICA

Só uma palavrinha, humilde e pequenina, dirigida especialmente ao coração das mulheres desta santa terra: Ide vós também, filhinhas do meu coração, ide vós tam-

bém saudar e cantar louvores ao nosso santo Presidente! Sois pobrezinhas, nada tendes para lhe dar? Pois dai-lhe os affectos do vosso coração agradecido, simbolizado num raminho das singelas florinhas da nossa serra! E ele vos agradecerá. E Nossa Senhora de Fátima vos cobrirá com o seu manto branquinho! Mães, filhas, esposas e noivas da Lajinha de Cima, não falteis ao vosso dever. Ide ao Senhor Presidente, ide agradecer-lhe as virtudes da vossa santa pobreza, ide dizer-lhe que, para vós, o céu vale mais do que a terra, ide cobri-lo com a pureza e o perfume das vossas singelas florinhas! Mães, filhas, noivas e esposas da Lajinha de Cima, não falteis à «manifestação espontânea»!

REGEDOR

A quem for, dou lugar de graça na camioneta e um abono de vinte mil réis! (Mostra a nota.)

VOZES

Viva! Viva o Senhor Presidente do Conselho!

PRESIDENTE DA ACÇÃO CATÓLICA

Como humilde e pequenina presidente da Acção Católica de Lajinha de Cima, fui encarregada de oferecer a todos que forem à santa «manifestação espontânea» um farnelinho de pão de trigo, três ovos e duas postinhas de bacalhau! (Vai mostrando.)

VOZES

Viva! Viva o Senhor Presidente do Conselho!

PÁROCO

E eu vos darei, além da minha bênção (executa), um terço benzido aos pés da Santa Virgem de Fátima (mostra), para que Ela vos proteja contra as ciladas do demónio lá nessa Lisboa de tanto pecado... e também de tanta virtude, graças a Deus!

VOZES

Viva o Senhor Presidente do Conselho! Viva!

(Escuro. Nos *écrans*, voltamos a ver as imagens da «manifestação espontânea do povo ao Governo». Os três Actores da última cena representada despem-se e descharacterizam-se em frente dos espelhos laterais. Ouvem-se novamente as gargalhadas sublinhando as imagens projectadas: Até chegar ao riso cruel, uníssonos, feroz. De repente, um grito masculino de dor. Um grito aterrorizado de mulher. Sobre os *écrans* vemos agora as imagens duma «Carga da G. N. R. e da Polícia sobre uma multidão exaltada que foge e grita». Em frente das telas cruzam-se os vultos de vários Actores, homens e mulheres, que correm desorientados. Música «executiva» de tambores. Continuam as imagens mais uns segundos. Luz no palco. Pára a projecção. Em cena, dispostos em vários planos, os dez Actores que, até agora, intervieram no espectáculo.)

1.^A MULHER (pobre, vestida de luto.)

Mataram-no! Mataram o meu filho!! Agora... nunca mais o verei. Fiquei só... só no mundo... sem ninguém que me dê uma sede de água! Ai, o meu rico filho! Mataram-no...

TODOS (como juízes.)

Mataram-no.

1.^A MULHER

Ele era bom para mim... bom pra toda a gente! Era o meu braço, o meu amparo... Agora não tenho ninguém.

TODOS

Mataram-no.

1.^A MULHER

Tinha só vinte anos... Lindo de cara, delgadinho de corpo... Era alegre, estava sempre a rir... A bem dizer, um menino!

TODOS

Mataram-no.

1.^A MULHER (revolta.)

Porquê? Porque o mataram eles?!

TODOS

Porquê?!

1.^A MULHER

O meu filho não fez mal nenhum... ele era tão bom!...

TODOS

Tinha só vinte anos.

1.^A MULHER (visceral.)

Quero o meu filho!!

TODOS

Está morto.

1.^A MULHER (feroz.)

Quem? Quem o matou?!

OS HOMENS

A Guarda Republicana.

AS MULHERES

A Polícia.

TODOS

Tinha só vinte anos.

1.^A MULHER

Porquê? Porque o mataram eles?!

1.^o HOMEM

Vinha do trabalho...

2.^A MULHER

Viu aquele ajuntamento...

2.^o HOMEM

Foi ver...

TODOS

Mataram-no.

1.^A MULHER

Porquê? Porque mataram o meu filho?!

3.º HOMEM

Eu vi-o: Ele estava à frente do povo...

4.º HOMEM

Dava o braço a outros tão novos como ele...

5.º HOMEM

E gritava...

1.ª MULHER

Gritava?! Que gritava ele?

TODOS OS HOMENS

Abaixo os tiranos!

TODAS AS MULHERES

Viva a Liberdade!

TODOS OS HOMENS

Queremos pão!

TODAS AS MULHERES

Queremos casas!

TODOS OS HOMENS

Queremos justiça!

TODAS AS MULHERES

Queremos instrução para os nossos filhos!

TODOS OS HOMENS

Abaixo os tiranos!

TODAS AS MULHERES

Viva a Liberdade!

1.^A MULHER

E era mal... isso que o meu filho gritava?

TODAS AS MULHERES

Era bom.

TODOS OS HOMENS

Era justo.

1.^A MULHER (patética.)

Então... porque o mataram?

TODOS OS HOMENS

Porque era justo.

TODAS AS MULHERES

E necessário.

1.^a MULHER

Quem matou o meu filho? Quem?

TODAS AS MULHERES

Quem o pode saber?

TODOS OS HOMENS

Nós sabemos.

TODAS AS MULHERES

A Guarda Republicana?

TODOS OS HOMENS

Não a Guarda, mas quem lhe deu ordem para matar.

TODAS AS MULHERES

A Polícia?

TODOS OS HOMENS

Não a Polícia, mas quem lhe deu ordem para matar.

1.^A MULHER

E fica sem castigo a morte do meu filho...?

TODAS AS MULHERES

Os hospitais estão cheios de feridos!

TODOS OS HOMENS

As prisões estão cheias de presos!

1.^A MULHER

Ninguém vinga o meu filho?

TODOS OS HOMENS

A justiça é deles.

TODAS AS MULHERES

O dinheiro é deles.

TODOS OS HOMENS

A força é deles.

1.^A MULHER

Mas Deus pode. Deus há-de vingar a morte do meu filho!

TODAS AS MULHERES

A Igreja é deles.

TODOS OS HOMENS

Deus é deles.

1.^A MULHER

Ai!

TODAS AS MULHERES

Ai!

1.^A MULHER

Eu vi... eu senti correr o sangue do meu filho: Aqui (indica a frente) e aqui (indica o peito)...

TODAS AS MULHERES

Ail

TODOS OS HOMENS (em ameaça.)

O sangue dos justos não pode perder-se!

2.^A MULHER (corre, voltando-se de costas para o público.)

Tenho medo!

3.^A MULHER (idem.)

Tenho medo!

4.^A MULHER (idem.)

Tenho medo!

5.^A MULHER (idem.)

Tenho medo!

TODOS OS HOMENS (mais forte.)

O sofrimento dos justos não pode perder-se!

TODAS AS MULHERES (voltando-se simultaneamente para o público.)

Tenho medo!

(Um dos Actores destaca-se do grupo, vai junto dum dos espelhos laterais, tira o capote popular e põe uma máscara esverdeada: Agora vestido como um senhor, dirige-se para o proscénio. Os restantes Actores recuam para o lado oposto, receosos, juntando-se em massa.)

SENHOR DO MINISTÉRIO (falando para um microfone.)

Nota do Ministério do Interior: No passado dia um de Maio, juntaram-se no Cais das Colunas desta cidade de Lisboa algumas dezenas de agitadores profissionais...

1.º HOMEM

Mas eram milhares!...

2.º HOMEM

Milhares e milhares!

3.º HOMEM

Não cabia mais ninguém no Terreiro do Paço!

SENHOR DO MINISTÉRIO (recomeçando.)

... algumas dezenas de agitadores profissionais, terroristas a soldo duma potência estrangeira, que tentaram alterar a ordem pública. Debalde o tentaram, porque o bom povo de Lisboa não correspondeu aos apelos dos traidores...

TODOS OS OUTROS

É mentira!

3.º HOMEM

Eram operários, estudantes, doutores e comerciantes... tudo!

4.º HOMEM

E vieram camponeses de longe!

2.ª MULHER

Até mulheres lá estavam... até mulheres!

SENHOR DO MINISTÉRIO (continuando.)

... o bom povo de Lisboa não correspondeu aos apelos dos traidores e tudo acabou rapidamente com a indispensável intervenção das forças da ordem...

TODOS OS OUTROS

É mentira!

1.º HOMEM

A manifestação durou mais de quatro horas!

2.º HOMEM

Cada vez havia mais povo: Era um rio de gente!

3.º HOMEM

Se não fosse a Guarda Republicana...

1.º HOMEM

E a Polícia...

4.º HOMEM

Tínhamos levantado Lisboa em peso!

SENHOR DO MINISTÉRIO

... indispensável intervenção das forças da ordem que,
em número reduzido...

TODOS OS OUTROS

É mentira!

1.º HOMEM

Eram camionetas e camionetas de polícia...!

2.º HOMEM

E a guarda a cavalo...!

SENHOR DO MINISTÉRIO

...que, em número reduzido, logo dispersaram os discólos. Como, entre estes, havia alguns armados...

TODOS OS OUTROS

É mentira!

2.º HOMEM (trocista.)

Armados de pedras...

3.º HOMEM

E mesmo assim só depois de eles entrarem a matar!

SENHOR DO MINISTÉRIO

... Como, entre eles, havia alguns armados, as referidas forças viram-se obrigadas a disparar alguns tiros para o ar...

TODOS OS OUTROS

É mentira!

1.º HOMEM (irónico.)

Alguns tiros?!...

2.º HOMEM

Rajadas de metralhadora!

3.º HOMEM (riso de troça.)

Para o ar...?!

TODAS AS MULHERES

E os feridos?

1.ª MULHER (dolorosamente.)

E os mortos?

PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE

foi estreado no Teatro Maria Matos com os seguintes
colaboradores:

ELENCO

(por ordem alfabética)

ADELAIDE JOÃO	IRENE CRUZ
ANTÓNIO MONTEZ	LURDES NORBERTO
ARMINDA TAVEIRA	LUÍS CERQUEIRA
BAPTISTA FERNANDES	LUÍS SANTOS
CARLOS SANTOS	MADALENA BRAGA
CARLOS SARGEDAS	MANUEL MATOS
CARLOS VERÍSSIMO	ROGÉRIO PAULO
FERNANDA BORSATTI	VÍTOR DE SOUSA



ENCENAÇÃO DE ROGÉRIO PAULO
COLABORAÇÃO DE ARTUR RAMOS E AGUEDA SENA
CENÁRIOS DE ANTÓNIO CASIMIRO
PROJECCÕES DE EDUARDO SÉRGIO
UMA CANÇÃO DE JOSÉ CARLOS ARY DOS SANTOS
COM MÚSICA DE FERNANDO TORDO
IMITAÇÕES DE DANIEL GARCIA

FICHA TÉCNICA

Assistente de encenação	<i>Maria Helena Ramos</i> <i>José Manuel Alves da Silva</i>
Luminotecnia	<i>Simões Alberto</i>
Sonoplastia	<i>Raul Ferrão</i>
Contra-regra	<i>José Matos</i>
Ponto	<i>Adelina Matos</i>
Guarda-roupa	<i>Anahory</i>
Chefes maquinistas	<i>Luís Cunha e Silva</i> <i>Joaquim Alves da Silva</i>
Electricista	<i>Amândio Mendes Lima</i>
Postiços	<i>Luís Matos</i> <i>Leonilde Bernardino</i>
Administrador do teatro	<i>Américo Ribeiro</i>



Teu pai um potro de sangue
emprenhou uma gazela
tu nasceste mas exangue
a vencida foi sempre ela.

A pouco e pouco cresceste
nos túneis da liberdade
nos túneis porque nas ruas
era bem outra a verdade.

Um povo inteiro pagava
o tributo de existir
e servia a quem mandava
agonizar e sorrir.

Depois menino batido
por tantas feras à solta
foste aprendendo o sentido
da vingança e da revolta.

Em ti deitaste raiz
tronco fino mas não frágil
e inventaste um país
maior mais livre e mais ágil.

De tudo te disfarçaste
cigano vadio actor
mas nunca te amordaçaste
nem português nem escritor.

Escrevendo com sangue e letras
entraste na grande guerra
e dos operários poetas
que escreveram esta terra.

Hoje a luta recomeça
Mas já de igual para igual
muito obrigado Bernardo
Santarém de Portugal.

José Carlos Ary dos Santos